



ÁLVARO DE CAMPOS

6. SENTIR

Aprende a lição de Caieiro: sentir antes de tudo...

Mário Eloy (1900-1951). Casas, 1924. Col. Jorge de Brito, Cascais.



«Tenho pela vida um interesse ávido que busca compreendê-la sentindo-a muito.»

Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras,
 Acordar da rua do Ouro
 Acordar do Rossio, às portas dos cafés,
 Acordar
 E no meio de tudo a gare, a gare que nunca dorme
 Como um coração que tem que pulsar através da vigília e do sono.

Toda a manhã que raia, raia sempre no mesmo lugar,
 Não há manhãs sobre cidades, ou manhãs sobre o campo

À hora em que o dia raia, em que a luz estremece a erguer-se
 Todos os lugares são o mesmo lugar, todas as terras são a mesma,
 E é eterna e de todos os lugares a frescura que sobe por tudo
 E (...)

Uma espiritualidade feita com a nossa própria carne.
 Um alívio de viver de que o nosso corpo partilha,
 Um entusiasmo por o dia que vai vir, uma alegria por o que pode
 acontecer de bom,
 São os sentimentos que nascem de estar olhando para a madrugada,
 Seja ela a leve senhora dos cumes dos montes,

Seja ela a invasora lenta das ruas das cidades que vão leste-oeste,
Seja (...)

A mulher que chora baixinho
Entre o ruído da multidão em vivas...
O vendedor de ruas, que tem um pregão esquisito,
Cheio de individualidade para quem repara...
O arcanjo isolado, escultura numa catedral,
Syringe fugindo aos braços estendidos de Pã,
Tudo isto tende para o mesmo centro,
Busca encontrar-se e fundir-se
Na minha alma.

Eu adoro todas as coisas
E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.
Tenho pela vida um interesse ávido
Que busca compreendê-la sentindo-a muito.
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,
Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas.
Para aumentar com isso a minha personalidade.
Pertenco a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio
E a minha ambição era trazer o universo ao colo
Como uma criança a quem a ama beija.

Eu amo todas as coisas, umas mais do que as outras —
Não nenhuma mais do que outra, mas sempre mais as que estou vendo
Do que as que vi ou verei.
Nada para mim é tão belo como o movimento e as sensações.
A vida é uma grande feira e tudo são barracas e saltimbancos.
Penso nisto, enternoço-me mas não sossego nunca.

Dá-me lírios, lírios
E rosas também.

s. d.

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 10.

1ª versão: Poesias de Álvaro de Campos . Fernando Pessoa. (Nota editorial e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1944.